

## RESENHA

### ESCOLA E SALA DE AULA: MITOS E RITOS: UM OLHAR PELO AVESSO DO AVESSO

ÁVILA, Ivani Souza. **Escola e Sala de Aula: Mitos e Ritos**: um olhar pelo avesso do avesso. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2008.

BRANCHER, Vantoir Roberto  
Universidade Federal de Santa Maria  
[vantobr@yahoo.com.br](mailto:vantobr@yahoo.com.br)

OLIVEIRA, Clarissa da Silva  
Universidade Federal de Santa Maria  
[profclara@hotmail.com](mailto:profclara@hotmail.com)

FERREIRA, Marinês Verônica  
Universidade Federal de Santa Maria  
[marinesveronicaf@hotmail.com](mailto:marinesveronicaf@hotmail.com)

A obra **Escola e Sala de Aula: Mitos e Ritos: um olhar pelo avesso do avesso** de Ivani Souza Ávila constitui-se como o próprio título da obra se propõe num olhar distinto para a sala de aula. Alguns certamente perguntariam: “e onde está a distinção de seu olhar?” A distinção, poderíamos dizer, encontra-se em permitir que seus protagonistas, professoras em serviço e em formação, apresentem seus saberes e fazeres de tempos e de espaços escolares. Assim, a obra constitui-se de material que vem possibilitar arejamento às práticas escolares cristalizadas e que, necessitam, muitas vezes, de auxílio à reflexão.

Faz-se importante destacar que o livro é organizado pela Professora **Ivani Souza Ávila**, do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da

UFRGS. Tem publicado sobre a escola na sociedade moderna - contemporânea. Em função disso, como não podia ser muito diferente, já na apresentação do livro sua organizadora problematiza questões de nosso cotidiano escolar. Assim, a obra constitui-se de uma coletânea de artigos produzidos por profissionais da educação proporcionando ao leitor importe contribuição para repensar os processos cotidianos da educação.

Ávila inicia o texto explicitando o que compreende a Instituição Escolar não como única possibilidade formativa dos sujeitos envolvidos, mas como espaço de excelência e de destaque nesse fazer. Assim, anuncia esse espaço como locus de humanização afirmando “[...] só aprenderemos a ser humanos numa trama complexa de relacionamentos com outros seres humanos”. (ÁVILA, 2008, p. 08). Perceber a escola dessa forma é instituir novas formas de relações. Talvez numa busca do que Snyders (1993) vai denominar *Alegria Cultural*, como possibilidade de cultivo dos mais belos resultados da cultura.

No texto **Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências e possibilidades**, Maria Luisa M. Xavier inicia refletindo acerca do tempo de permanência dos estudantes nos espaços escolares e das funções desses espaços na constituição desses sujeitos.

Como problematizações, primeiro nos apresenta que a escola como a conhecemos teve, ao longo dos tempos, a função de espaço de transmissão de conhecimentos. No entanto, hoje vivemos um período um tanto distinto, no qual alunos e alunas chegam aos espaços escolares com uma cultura própria, que também não é a cultura familiar. Esses educandos “são donos de uma cultura que existe e que é muito forte”( XAVIER, 2008, p.15).

A autora do artigo, continua suas provocações e nos traz, a partir de François Dubet, estudos realizados na França nos quais se percebe que,

(...) os jovens estão na escola não para apreender, *eles não estão* "nem aí" *para o saber*, mas para viver a cultura deles. Dentro da escola, organizam, estruturam, inventam uma cultura e vivem essa cultura, que não é a cultura escolar. A cultura escolar é o preço que pagam para viver juntos essa realidade, essa sociabilidade, que é própria da juventude. Os jovens, principalmente os de classe popular, têm o espaço escolar como um dos únicos espaços de vivência, de convivência. A escola é hoje o espaço de vivência para a juventude não contemplada em outras instâncias nas políticas públicas. A sociedade não tem, em sua organização, outros lugares próprios para a juventude nem para as crianças. (p. 15).

Assim, para ela, o papel da escola continuaria sendo o da promoção do patrimônio cultural da humanidade., No entanto, não pode deixar de reconhecer a cultura jovem que vem chegando à escola, seus desejos e suas peculiaridades. Assim, percebe-se que a escola não é mais o único instrumento de difusão cultural, embora ainda exerça importante contribuição para tal.

Dessa forma, percebe-se que a escola ainda tem importante contribuição a sociedade, embora não da mesma maneira clássica que tinha quando de sua fundação. Ou seja, a lógica disciplinar não tem dado conta de contribuir com a construção de uma sociedade mais humana, da vida real em sua plenitude. Ou nas próprias palavras da autora “A escola, precisa começar a ser vista como espaço para aprender e aprender a viver (...) é necessário redescobrir o vínculo entre a sala de aula e a realidade social (...) é preciso resgatar a função humanizadora e cultura do tempo da escola”(p.19).

Nesse âmbito, equivale a dizer que os docentes hoje estão embrenhados numa dura “missão<sup>1</sup>”, qual seja, de propiciar o desenvolvimento integral de seus educandos e deles próprios. Isso significa não só o desenvolvimento cognitivo e intelectual, mas social, afetivos, comunicativo, entre outros.

Assim, embora a autora não conclua com essas palavras seu texto, este nos faz refletir sobre alguns fatores dessa profissão. Fica evidente que a alegria e a formação devem ser aliadas no ensino contemporâneo. Talvez precisemos de fato auxiliar a formação dos professores, mas ninguém fica feliz da noite para o dia, com jornadas duplas e triplas de trabalho, com pouco ou nenhum tempo para formação continuada e com salários miseráveis.

Não queremos com isso entrar novamente na decrépita discussão salarial dos professores., No entanto, sem políticas públicas adequadas que de fato valorizem os professores dificilmente teremos profissionais comprometidos com o fazer educativo. Por mais que amemos nossa profissão, a criatividade e o amor ao fazer estão intimamente ligados a uma vida digna e ao reconhecimento social de si e do outro. Talvez a população (e não somente os professores) deva começar a se perguntar “a quem interessa que os professores se vejam e se sintam tão miseráveis?” “Por que de fato os salários têm diminuído tanto?” “Será que, se tivermos melhores

---

<sup>1</sup> Missão aqui no sentido de árdua tarefa e não no sentido “mítico-religioso”.

professores, com qualificação melhor, com formação melhor, nossa população não terá uma visão distinta da sociedade?” “Será que, talvez, se a população se der conta da real situação que vive nossa sociedade não teria outra constituição?” Fica a pergunta: “a quem interessa o enfraquecimento e o empobrecimento docente nas variadas perspectivas, intelectual, financeira e, muitas vezes, até de espírito?”

Ainda quanto ao texto **Inclusão, humana docência e alegria cultural como finalidades da prática pedagógica** de Maria Benardete Castro Rodrigues, há, já no início do texto, uma problematização quanto às finalidades da ação docente. Para ela, existem três finalidades que se destacam sobremaneira nesse processo: a inclusão, a humana docência e a alegria cultural escolar. Nesse sentido, busca, a partir de FURQUIN (1993), superar o determinismo das teorias da *Reprodução*, propondo assim, uma (re) leitura do cotidiano escolar.

Como primeira interlocução, a autora questiona a disposição física da Sala de Aula. Será possível uma ‘outra’ organização física e metodológica desses espaços com vistas a implementar um processo de ensino emancipatório? Ainda nessa linha, questiona a disposição, o tamanho, a qualidade, a quantidade e a necessidade de determinados materiais escolares utilizados pelas crianças em idade escolar. Retoma suas argumentações refletindo acerca dos objetivos de determinadas atividades que ocorrem na escola hoje. Questiona se de fato esses profissionais têm intenções claras acerca desses fazeres ou se estariam, muitas vezes, reproduzindo fazeres. E é categórica:

Observo que não só a cópia torna o tempo da sala de aula um tempo de embromação, de improvisação, de monotonia, de repetição. O tempo escolar, fragmentado, esquartejado em deslocamentos, interrupções, rotinas arraigadas e inquestionáveis, também pode exemplificar o tempo da perda, da dispersão, da alienação (RODRIGUES, 2008, p. 35).

Outro elemento de destaque no texto diz respeito às interrupções que diariamente ocorrem no processo de ensino. Assim, a autora destaca que um significativo tempo escolar é desperdiçado em função de intervenções de toda natureza diariamente nas salas de aula contemporâneas. Na mesma sequência, faz análise das normas de convivência e os pactos construídos nas salas de aula e questiona: serão essas de fato construções que incentivam a autonomia e a democracia dos educandos?

Nesse sentido, propõe, a partir do conceito *Humana Docência* (ARROIO 2000), uma escola presente e não para o futuro. Uma escola com espaço de alegria no presente. Por fim, encerra – embora não conclua e explicita que esse não é seu objetivo – o texto trazendo que as atividades de sala de aula são meios e nunca fins em si próprias. Assim, sugere atividades diárias no processo de ensino. Mas não qualquer atividade. Atividades planejadas, registradas e refletidas diariamente. Isso numa busca constante de aprimoramento. Aprimoramento aqui, entendido como humanização da docência, sensibilização, escuta.

No texto, **Vida e Morte do Brincar**, Tânia Fortuna realiza uma ampla reflexão sobre a Ludicidade (jogo/brincadeira) no contexto educacional. Inicia seu texto com trazendo dados de uma pesquisa produzida por Veiga, (2001) na qual cerca de 50% das crianças explicitam não ser o brinquedo sua preferência de ‘uso’. A partir desse dado, a autora problematiza conceitos como brincar, brincadeira, jogos, criança e infância.

Iniciando pelo conceito de infância, a autora filia-se a um grupo de estudiosos que tem trazido a infância como criação cultural. A partir dele, aprofunda um conceito diretamente relacionado a este primeiro, qual seja o brincar. Do mesmo modo que a infância, para ela, o brincar também é uma construção de sujeitos históricos, portanto criação social e cultural dos povos.

A partir dela sabemos que etimologicamente “jogo” e “brincadeira” têm sentidos e construções distintas. Apesar disso, “(...) tanto o jogo quanto a brincadeira contém a idéia de laço, relação, vínculo, pondo indivíduos em relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo” (p.49). Assim fica evidente que ambos os processos implicam relações entre sujeitos que exigem reconhecimento de si e do outro, elementos imprescindíveis para a subjetivação.

Ainda para ela o brinquedo é caracterizado com um objeto utilizado por alguém para brincar, ou seja, “o que faz um brinquedo ser brinquedo é a ação de quem brinca” (p. 51). Nesse sentido, talvez fique evidente, que muitas crianças não querem brinquedos, com nos apresenta a pesquisa de Veiga (2001), porque ‘n’ motivos as impedem de brincar com tais objetos.

A esse respeito, a autora destaca:

Vale lembrar que brincar é uma atividade dinâmica e simbólica: a um só tempo produz e é produto de sentidos e transformações. O sujeito que brinca bem pode ressignificar o brinquedo através da brincadeira (p. 52)

Isso equivale a dizer que os sentidos estabelecidos ao objeto (possível brinquedo) serão atribuídos (ou não) pelos possíveis brincantes. É em função disso que, por meio do brincar, fica evidente quando a capacidade de simbolização está prejudicada, pois o brincar exige tais elementos.

Ainda, a partir dessa linha de pensamento, afirma a autora que “(...) é preciso agir para transformar um objeto em brinquedo ou uma situação qualquer em brincadeira” (p. 54). Ou seja, evidencia-se que, por meio do jogo, o sujeito apropria-se do mundo, tendo em vista que interage para compreendê-lo.

Para os docentes, o texto assevera: uma criança que brinca, muito provavelmente, resulte num adulto criativo. Assim, afirma que, de algum modo, todos brincamos de alguma forma e em algum momento de nossas vidas, o que torna premente o brincar como elemento necessário ao processo de ensino. Não necessariamente o brincar como objeto didático, mas como forma de apropriação de mundo.

Ao educador cabe uma reaproximação com suas lembranças e com fazeres infantis, haja vista que, a partir dessas lembranças, ocorrerá sua compreensão do mundo infantil e é a partir delas que o educando fará suas intervenções pedagógicas. Fortuna (ano) conclui o texto afirmando que acredita na “(...) interferência dos sentidos, conceitos e preconceitos (p. 57)”, Assim é necessário uma:

(...) tomada de consciência destas representações como primeiro passo para uma compreensão e intervenção mais profunda e conseqüentemente sobre o brincar (...). Brincando, reconhecemos no outro, na sua diferença e singularidade e as trocas inter-humanas aí partilhadas podem lastrear o combate ao individualismo e ao narcisismo tão abundantes na nossa época (p.58).

O texto seguinte de Patrícia Bandeira da Rosa intitulado: **Escola: lugar de satisfação** segue ainda a linha temática que já vem sendo abordada pelas demais autoras. Apresenta, no entanto, um estudo preliminar que vem desenvolvendo em uma escola da periferia de Porto Alegre acerca das situações de alegria, satisfação, tristeza e insatisfação encontradas nessa escola. Inicia, assim, seu texto explicitando

a organização física e estrutural da escola e as principais dificuldades que tem percebido na gestão dessa instituição. Inicia pela não participação da comunidade nesse processo e passa pela indisciplina e depredação da escola até pelos contra movimentos produzidos pela escola numa tentativa de inserção da comunidade em seu contexto.

Das conclusões que afirma preliminares, a autora destaca principalmente as convivências e os vínculos afetivos como situações de satisfação na escola. No entanto, como situações de insatisfação, apresenta a situação física precária da escola (sujeira e depredação e envelhecimento), a violência física e psicológica dentre outros.

A autora não conclui seu texto, mas indica, a partir de Salerno (2008, p. 19), que tem sido funções dos educadores aturem no desenvolvimento do “domínio cognitivo, como facilitador da aprendizagem, condutor, instrutor, gestor do trabalho educativo, também é exigido do professor que assuma uma atuação em questões psicológicas, afetivas e de assistência social”. Assim, cabe perguntar se essas funções todas seriam de fato da escola? Nesse sentido, a autora nos diz que “Repensar a postura educacional é necessário para que possamos interagir com a nova (?) realidade que rodeia a escola” (p. 70).

**Reflexões sobre a prática – pensando a construção de ser professora** de Patrícia Barden é um relato reflexivo acerca de sua iniciação como docente na prática de estágio supervisionado. Mostra inicialmente as dificuldades enfrentadas na conquista da autoridade em sala de aula. Posteriormente explicita suas vivências no intuito da construção da autonomia discente. Ao final do texto, explicita as aprendizagens que realizou durante seu estágio e a importância do professor titular, bem como do professor orientador para um professor/acadêmico em processo de formação.

Na sequência, a obra **Uma sala de aula possível: compartilhando responsabilidades, saberes, decisões, alegrias, descobertas...** de Michele Silva, também apresenta um relato de Prática de Ensino do Curso de Pedagogia da UFRGS. A autora nos mostra que é possível uma escola com pessoas felizes e aprendizagens constantes.

Em sua escrita, explicita sua crença na interdisciplinaridade como a forma mais adequada para se ensinar, e justifica dizendo que a vida não é disciplinar,



nesse sentido, porque a escola deveria ser. Na mesma linha, apresenta a ludicidade como necessidade ao processo de ensino e como necessidade das crianças, pois, segundo ela, a infância é o tempo do brincar. Apresenta suas conquistas como professora em formação e como de fato conseguir construir conhecimentos de forma prazerosa e interdisciplinar.

O texto **Sala de aula é um lugar para dúvidas?** O receio de perguntar e suas implicações de Ana Paula Sefton, inspirado nos estágios supervisionados por ela transcorridos, pretende problematizar a hipótese de que muitas das práticas dos docentes contemporâneos não têm espaço para dúvidas e para perguntas. A autora parte da ideia de que todos os envolvidos no processo de ensino são produtores de conhecimentos e a partir disso apresenta seu texto. Fundamentada em “(...) paradigmas da teoria crítica e na abordagem pós-estruturalista” (p. 96) organiza sua produção a partir de duas perguntas

1- Na maioria das aulas, a professora estagiária impedia que os alunos fizessem perguntas ou incentivava para que isso acontecesse? 2- Pense nas outras professoras que tu tiveste, elas deixavam que os alunos perguntassem e participassem ou, na maioria das vezes, pediam para os alunos escutarem a explicação? (Idem. p.100).

Assim, ao seu modo, aparentemente de forma um pouco simplista, conclui que

A oportunidade de vivenciarem uma proposta diferente, em sala de aula, resultou em os/as alunos/as sentirem-se mais à vontade e “capazes” de perguntar, participar e questionar durante as aulas. Ainda, por algumas vezes, tiveram receio de trazer suas dúvidas em vista das brincadeiras dos colegas, mas tinham um espaço livre para os questionamentos (SEFTON, p. 102).

No texto, **O número e seus arredores: escritas, significados, leituras, contextos** de Helena Dória Lucas de Oliveira, a autora apresenta distintas leituras numéricas no tempo e no espaço contemporâneo. Nele, Oliveira problematiza o número e seus significados como construções sociais. A partir dele, refletimos acerca do ensino da matemática de forma viva, ligada ao mundo concreto dos educandos.

Na obra, **Linguagem e ensino: algumas pistas para projetos pedagógicos** de Maria Isabel H. Dalla Zen, há uma problematização da função da escola na



atualidade. Para fazer isso, a autora traz como inspiração Fortuna (2002) enfocando a importância ao processo de ensino. Defende assim, como proposta que “(...) a organização do planejamento pode deslocar-se da repetição exaustiva de estratégias e conteúdos, aproximando-se da concepção de aprender por meio de desafios, de atividades e conhecimentos significativos, exigentes e ao mesmo tempo estimulantes e prazerosas” (p.118).

Dalla Zen apresenta algumas das vivências que têm orientado suas alunas no intuito da construção de conhecimentos, principalmente voltadas à construção de linguagens sempre numa tentativa de superar as “aulas auditório”, aquelas na qual o (a) professor (a) explica e todos os alunos reproduzem.

Por fim, o último texto que compõem a obra é de autoria da organizadora do livro, Ivany Souza Ávila e intitula-se **Leitura na escola: alguns olhares**.

No texto a autora nos apresenta alternativas “teórico-metodológicas”, que têm desenvolvido no intuito da construção de leituras. Mostra, assim, que é bastante possível “substituir o desprazer das crianças pela leitura por um certo encantamento e um desejo crescente de ler, do mesmo modo que é possível substituírem-se as aulas de “mandar ler” por aulas de “ensinar a ler” – entenda-se “ensinar” – como forma de planejar, organizar situações que possam promover possíveis aprendizagens”(p.139).

O livro, **Escola e Sala de Aula: Mitos e Ritos**: um olhar pelo avesso do avesso, disserta acerca da escola contemporânea na sua plenitude. Busca ser inspiração e mostrar que é possível uma escola distinta, na qual a felicidade, o prazer e o conhecimento existam de forma harmônica. Uma obra indispensável principalmente para acadêmicos dos variados cursos de licenciatura, para profissionais do magistério e, de modo geral, para todos os que estão envolvidos com o processo de ensino.

## VANTOIR ROBERTO BRANCHER

Possui Graduação em Pedagogia, (2003), Especialização em Educação Especial, AH/SD (2008), Mestrado em Educação (2006) e Doutorado em Educação (2013) pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM, realizou o Doutorado Sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2011) sob orientação da

Professora Manuela Esteves. É professor efetivo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha. Já atuou na UFSM como professor Substituto no Departamento de Fundamentos da Educação, no Curso de Atendimento Educacional Especializado (EAD UFSM), como professor Orientador no Curso de Especialização a Distância em Gestão Educacional, como Professor de Sociologia I e II no Curso de Pedagogia a Distância da UFSM. Atuou ainda na Faculdade Integrada de Santa Maria, nos cursos de Graduação em Enfermagem e Psicologia e no Curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar e Gerontologia Social.

### **CLARISSA DA SILVA OLIVEIRA**

Educadora Especial – habilitações educação de surdos e déficit cognitivo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Psicopedagoga clínica e institucional IBPEX, Mestranda em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Professora de Cursos de Graduação e Pós-Graduação Faculdade Integrada de Santa Maria: Responsável pelo Setor Psicopedagógico, Professora e Coordenadora Adjunta do Curso de Gestão Escolar.

### **MARINÊS VERÔNICA FERREIRA**

Bacharel em Química Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria. Estudante do Programa de Formação de Professores para a Educação Profissional.